1. Introdução

Falar dum poeta é como querer apanhar água com as mãos. Prendemos só as nossas próprias palavras, enquanto o poeta nos foge. Só em poesia se pode falar de poesia.¹

Retomamos a frase da epígrafe escrita na página anterior, porque ela soa como advertência quanto ao risco em que nos colocamos ao escrever sobre a poesia de Sophia Andresen, sendo nosso fio condutor as próprias reflexões sobre o significado do poeta, da poesia e do poema e sobre o modo como essa tríade se enlaça com o lugar dos acontecimentos, onde o homem constrói a si e se relaciona com as coisas.

Ela é, então, o “piloto” nessa espécie de navegação, porém, sua bússola é delicada e complexa, pois orienta e reorienta quando aponta para o Norte e para o Sul e para o exterior e o interior,² revelando que uma coisa é “isso” e também muito mais, na sua conhecida fluidez marinha. Religamos, portanto, as peças dessa “cartografia poética”, acompanhando sua “deriva” semelhante à dos homens do descobrimento que, de acordo com ela, se orientavam pelo mapa que não tinham e iam desenhando durante a viagem.³

Na tese aqui apresentada, “*A poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen: o poeta e a participação política*”, formulamos a hipótese de que a autora de *Coral* associa a missão do poeta com a sua (dele) participação política, tendo em vista que o artista reinventa, através de múltiplos modos, o “mundo belo-ordenado”⁴ para nele religar os homens que vivem no “tempo dividido”, onde trabalham visando exclusivamente ao lucro material, restringindo ou eliminando as atividades necessárias ao bem viver. Com essa reinvenção, o poeta deseja despertar nos homens a necessidade de cuidar de si e dos outros, levando-os a se interrogarem sobre suas atitudes na sociedade política. Na obra andreseniana, a missão é a responsabilidade assumida pelo artista nas atividades

¹ ANDRESEN, S.M.B. *A poesia de Cecília Meireles*, p. 71.

² ANDRESEN, S.M.B., Entrevista a Miguel Serras Pereira, 1985 p. 2; ANDRESEN, S.M.B., Entrevista a Maria Maia, 2000, p. 8.

³ ANDRESEN, S.M.B., Entrevista a Virgílio de Lemos, 1990, p. 128.

⁴ “Mundo belo-ordenado” é, para Sophia Andresen, o *Kosmos*: “A este mundo em que está o Grego chama ‘kosmos’, oposto a chaos (sic), não significa apenas mundo”. ANDRESEN, S.M.B. *O nu na Antiguidade clássica*, p. 13.

interligadas da arte com a vida, possuindo significado equivalente ao de compromisso, vocação e destino e, para ser cumprida, ele desempenha múltiplos papéis, ofícios ou tarefas, palavras que a autora de *Coral* emprega indiscriminadamente em seus poemas, ensaios e entrevistas. O testemunho do sofrimento das guerras e da ditadura marca sua poesia com essa exigência política, embora seu pensamento sobre o modo de intervenção se modifique ao longo de sua obra, conforme lemos numa carta, pouco antes do final da atuação dela como Deputada da Assembleia Constituinte: “Penso que um artista não deve ser governo, mas sim influenciar os governantes.”⁵

A bibliografia que fundamenta nossa análise, nesta tese, são os ensaios de Sophia Andresen, onde esta autora apresenta a obra de alguns poetas e, aos poucos, revela o que é, para ela, a poesia, o poeta e o poema. Desse modo, entendemos que nos mencionados ensaios, ela constrói uma poética, a qual já é exercida em seus poemas, desde a publicação do livro *Poesia*, muitas vezes usando título homônimo. Nessa poética, algumas palavras e termos têm significado específico, tais como “mundo belo-ordenado”, “tempo dividido”, “salvação” e “santidade”, dentre outras, que escrevemos entre aspas no presente texto. Assim, conduzidos inicialmente pelas idéias levantadas nos ensaios, reforçadas e acrescentadas de outras encontradas nos poemas, demonstramos o compromisso do poeta, além da importância do poema como invenção do “mundo belo-ordenado” que interage com os homens no “tempo dividido”.

Complementamos a análise com algumas cartas, entrevistas e artigos, onde a autora de *Coral* explica a relação da poesia com a vida. Também os livros *Poética*, *Ética a Nicômaco* e *Política*, de Aristóteles são empregados, pois a poética andreseniana possui recorrências com a cultura grega clássica nos temas desenvolvidos nesta tese. Complementamos ainda nossa pesquisa com as ideias de Michel Foucault e Lévinas, recorrentes com as de Sophia Andresen em questões relacionadas com o tema norteador de nossa tese.

Na maioria dos ensaios da autora de *Livro sexto*, os poetas por ela comentados são comprometidos com o lugar e o tempo onde habitam, questionando a injustiça. Verificamos que ela vê nas obras deles os temas

⁵ ANDRESEN, S.M.B.. In: *Sophia de Mello Breyner & Jorge de Sena*, p. 141. Carta de março de 1978, indo de avião de Lisboa a Paris.

constantes na sua. Portanto, ao mesmo tempo em que escreve sobre a obra de um artista, ela fala indiretamente de si.

Os processos poéticos e temas analisados nesta pesquisa, decorrem de nossa escolha, e o fato de serem tratados num livro não quer dizer que sejam exclusivos dele. Citamos, como exemplo, a morte, que analisamos através dos poemas de *Dia do mar*, enquanto a autora afirma que esse tema concentra-se em *Coral*.⁶

Nosso interesse pela investigação foi despertado devido à insistência em mostrar a missão do poeta nos poemas andresenianos, preocupação reiterada nas entrevistas concedidas pela autora de *Dual*. Junto a isso, a descoberta de que os poemas feitos com “economia de dicção” e “obstinado rigor” pertencem à mesma cidadã portuguesa que dialoga com os jornalistas com austeridade, crítica e mesmo mordacidade, ao tratar sobre cultura, educação, urbanização, mudança de governantes no país e o processo de descolonização.

Segundo Aristóteles, “a política é, relativamente à ética, uma ciência mestra,”⁷ mas à Sophia Andresen interessa muito mais a ética nessa relação, conforme sua afirmação a dois entrevistadores: “o político, para mim, é um capítulo da moral.” E também: “Ética e poética, ambas são a busca de uma relação justa com o real, e o real é aquilo que emerge e se manifesta. Em termos terrestres, é tudo aquilo que se manifesta e eu posso apreender.”⁸ Não obstante as prioridades diferenciadas, do estagirita à política e da autora de *Coral* à ética, entendemos que ética e política são indissociáveis na construção do homem íntegro, envolvido nas decisões para o bem viver na cidade. A propósito, Marcel Prélot, no prefácio ao livro *A política* afirma que o citado filósofo “não separa a política da moral, nem tampouco a submete a esta última. Considerando que o

⁶ ANDRESEN, S.M.B., Entrevista a José Carlos Vasconcelos, 1991, p. 9.

⁷ PRÉLOT, M. Apud. Aristóteles, In: Prefácio, *A política*, 2006, p. XVII; Aristóteles, em seu outro livro, *Ética a Nicômaco*, reitera que a política é a “arte mais prestigiosa e que mais verdadeiramente se pode chamar a arte mestra. Ora, a política mostra ser dessa natureza, pois é ela que determina quais as ciências que devem ser estudadas num Estado, quais são as que cada cidadão deve aprender, e até que ponto; e vemos que até as faculdades tidas em maior apreço, como a estratégia, a economia e a retórica, estão sujeitas a ela. Ora, como a política utiliza as demais ciências e, por outro lado, legisla sobre o que devemos e não devemos fazer, a finalidade dessa ciência deve abranger as das outras, de modo que essa finalidade será o bem humano. Com efeito, ainda que tal fim seja o mesmo tanto para o indivíduo como para o Estado, o destino deste último parece ser algo maior e mais completo, quer a atingir, quer a preservar. Embora valha bem a pena atingir esse fim para um indivíduo só, é mais belo e mais divino alcançá-lo para uma nação ou para as cidades-Estados.” ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1984, p. 49-50.

homem tem por fim a felicidade, cuja plenitude está no pensamento puro, Aristóteles acha que o homem só é verdadeiramente ele mesmo no seio da Cidade”.⁹

A essa dupla e indissociável relação apresentada por Prélot, incluímos, agora, a que se dá entre a política e a poética. Ambas relacionam-se pela finalidade de alcançar o sumo bem - a felicidade, a verdade e a beleza - da boa vida dos homens reunidos na comunidade civil. Verificamos que tal finalidade está inscrita na *Poética*, de Aristóteles, quando ele escreve sobre a tragédia grega, afirmando ser belo o mito, porque sua ação una e completa possui grandeza e ordem propiciadoras da visão de conjunto, além de encenar ações que “poderiam suceder”, tendo em vista serem convenientes à natureza do homem, que, igual ao mito, é belo, “ser vivente ou o que quer que se componha de partes”.¹⁰

Também encontramos a relação entre poética e política na ideia de Sophia Andresen de que a poesia, junto com as demais artes, tem a missão de viver a beleza da Realidade através do poema, conforme escreve no ensaio *Poesia e realidade*, através do qual podemos relacionar a Poesia - com letra maiúscula - ao sumo bem; a poesia - com letra minúscula - à procura do sumo bem; e o poema, ao mito, onde são encenados os diversos modos da mencionada procura. Assim, o seu entendimento sobre a ação política do poeta é revelado no poema que, semelhante ao mito trágico, exige do homem reconhecer-se no tempo e no lugar em que habita para escolher juntar-se aos outros na procura do sumo bem.

Portanto, a ação política de que trataremos na presente tese deve ser entendida como a interação dos dois textos aristotélicos, *Ética a Nicômaco* e *A política*, não prevalecendo um sobre o outro, relacionada com outro texto do mesmo autor, a *Poética*. Todavia, citamos as idéias de Aristóteles nos referidos textos como ilustração necessária nas questões onde encontramos recorrências das ideias da autora de *Coral* com as do estagirita. Com isso, evitamos prender teoricamente a poética da primeira na do segundo.

Apresentamos a seguir um histórico das publicações e atividades políticas de Sophia Andresen, levando em consideração as fases anterior e posterior à sua atuação político-partidária, apesar de ela ter dito ao entrevistador

⁸ ANDRESEN, S. M. B., Entrevista a José Carlos de Vasconcelos, 1991, p. 9 e Entrevista a Miguel Serras Pereira, 1985, p. 3.

⁹ PRÉLOT, M., op. cit., p. XVI.

José Carlos de Vasconcelos ter havido uma fase em que escreveu muito, antes de seus filhos terem nascido; outra em que escreveu pouco, a dos filhos pequenos; e outra em que escreveu menos ainda, a de deputada na Assembléia Constituinte,¹¹ fazendo-nos entender que sua obra poderia ser organizada para pesquisa segundo essa orientação.

Sua obra, inaugurada ao vir a lume *Poesia* (1944), multiplica-se em outros livros de poemas, contos, peças teatrais e ensaios: *Dia do mar* (1947), *Coral* (1950), *No tempo dividido* (1954), *A poesia de Cecília Meireles* (1956), *Mar novo* (1958), *A menina do mar* (1958), *A fada Oriana* (1958), *A noite de natal* (1959), *Poesia e realidade* (1960), *O Cristo cigano* (1961), *O Bojador* (1961), *Livro sexto* (1962), *Contos exemplares* (1962), *O cavaleiro da Dinamarca* (1964), *O rapaz de bronze* (1965), *Os três reis do Oriente* (1965), *Caminhos da Divina comédia* (1965), *Geografia* (1967), *A floresta* (1968), *Grades - antologia de poemas de resistência* (1970) e *Dual* (1972). No mesmo período, Sophia Andresen funda, com outros intelectuais, a Comissão Nacional de Apoio aos Presos Políticos, assume a presidência da Assembléia Geral da Associação Portuguesa de Escritores (1973) e se torna membro do Conselho de Imprensa.¹²

Após a mudança de governo em 25 de abril de 1974, ela se candidata ao mandato de deputada pelo Partido Socialista na Assembléia Constituinte, vence a campanha e exerce o cargo entre 1975 e 1979, publicando, no mesmo período *O nu na antiguidade clássica* (1975), *O nome das coisas* (1977) e artigos em jornais, com os quais exige dos governantes de então atitudes necessárias ao encaminhamento da democracia. Dentre elas, o respeito pelo pluralismo e pela defesa contínua e total da liberdade de criação e de expressão; o direito à cultura para que o homem possa escolher e decidir sobre as ações que possam tornar justa a vida em comunidade; a denúncia de condenações à revelia da justiça, como o julgamento de Moscovo; e a defesa da atuação independente da censura das associações de classe.¹³

¹⁰ ARISTÓTELES. *Poética*, 1984, p. 247, 248, 249.

¹¹ ANDRESEN, S.M.B., Entrevista a José Carlos Vasconcelos, 1991, p. 9-10.

¹² Sidônio Paes escreve que integrou o Conselho de Imprensa juntamente com Sophia Andresen, logo após 1974, ocasião em que as famílias de ambos estreitaram os laços de amizade. Ele afirma também que participou de uma venda de obras de arte a favor dos presos políticos, promovida por por essa amiga “no maior segredo e à socapa”. PAES, S., *Harmonia*, 1999, p. 1.

¹³ ANDRESEN, S.M.B. *A liberdade, para mim, não é unilateral: abrange o respeito pela liberdade dos próprios inimigos*, 1976, p. 6; Id., *Respeito pelo pluralismo e defesa total da liberdade de criação e expressão*, 1976, p. 12; Id., *Luta pelos Direitos Humanos*, 1977, p. 12-13;

Depois da experiência de deputada, ela deixa a militância partidária, mas continua a ação política, com a publicação de *Navegações* (1983), *Histórias da terra e do mar* (1984), *A árvore* (1985), *Ilhas* (1989), *Musa* (1994), *O búzio de Cós e outros poemas* (1997) e *O colar* (2001), declarando apoio à candidatura de Mário Soares para a presidência de Portugal, intensificando sua crítica à mudança da paisagem urbana no país e discordando da proposta de se estabelecer o Acordo ortográfico entre os representantes de governo de países onde se fala a língua portuguesa.¹⁴

Ao longo desses períodos, a escritora organiza antologias, juntamente com os amigos intelectuais e faz a tradução de partes de obras de alguns autores portugueses, franceses, italianos, gregos e ingleses, além de escrever outros textos para revistas especializadas.

A pequena história da obra de Sophia Andresen anteriormente apresentada, possibilita-nos entender o significado de sua frase “A poesia não explica, implica”¹⁵: implica o comprometimento em forma da ação com a vida em sociedade. Até mesmo nos títulos de seus livros, onde predominam os temas do universo marinho, observamos a reflexão sobre a aliança do ato poético com os gestos da vida.

Para a melhor compreensão dos poemas transcritos nesta pesquisa, esclarecemos que alguns deles possuem título, outros não. Informamos ainda que

Id., *Os julgamentos de Moscovo*, 1978, p. 20; Id., *A palavra de Sophia*, 1984, p. 3. Este último artigo é o discurso primeiramente proferido na Associação Portuguesa de Escritores em 06 jul. 1973.

¹⁴ ANDRESEN, S.M.B., *Falar do que vi*, 1990, p. 17; Id., *Sophia de Mello Breyner: Mário Soares estará para sempre onde estiver a liberdade*, 1986, p. 27; Id., *Pelo negro da terra e pelo branco do muro*, 2003, p. 60. Id., *Sophia contra o Acordo ortográfico*, 1991, p. 11. Transcrevemos este acordo na íntegra:

“ Considero o acordo ortográfico proposto um ato anticultural e redutor. Pois:

- 1 – A cultura é feita de exigência e este acordo é feito de transigência.
- 2 – Vai alterar, em muitos casos, a dicção oral.
- 3 – Vai desfigurar o caráter emblemático e a estética da escrita.
- 4 – Vai-nos separar da tradição grega e latina e, assim, para os estrangeiros que falam línguas românicas, o Português vai-se tornando mais difícil.
- 5 – Vai destruir a modulação das vogais, tornando algumas delas surdas.
- 6 – O acordo nada unifica, pois constantemente recorre a alternativas.
- 7 – A escrita nunca pode coincidir com a fala.
- 8 – A ortografia pertence ao número de coisas que só raríssimas vezes devem ser modificadas , pois também na forma gráfica nos reconhecemos.
- 9 – É verdade que as línguas evoluem, mas evoluem dentro das leis que lhes são próprias e segundo o espírito criador do tempo. O mesmo é verdade para a escrita que, por isso, não pode ser modificada por comissões nem por estratégias políticas.
- 10 – A única palavra portuguesa cuja ortografia precisa de ser mudada é dança, que deve ser escrita com *s*, como era antes, porque o *ç* é uma letra sentada.”

os transcrevemos do primeiro ao último verso, pois, para sua autora, o poema é “o pássaro do real preso num círculo”,¹⁶ cuja mensagem é reconhecida no conjunto que o concretiza, pelas palavras escolhidas, sua localização no texto, cesura do verso, emprego ou não de pontuação, o espaço em branco na página e sua dicção. Desse modo, também demonstramos nosso desejo de ter sua voz, com as múltiplas vozes de seus poemas nos acompanhando em nossas análises.

A tese “*A poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen: o poeta e a participação política*” estrutura-se através dos seguintes capítulos:

No primeiro, demonstramos que Sophia Andresen constrói sua poética através dos ensaios *A poesia de Cecília Meireles*, *Poesia e realidade*, *Caminhos da Divina comédia*, *Hölderlin ou o lugar do poeta*, *O nu na Antiguidade clássica*, e *Camões: ensombramentos e descobrimentos*, revelando gradativamente o significado da poesia, do poeta e do poema e o modo como o leitor deve se relacionar com a obra. Ao mesmo tempo, analisamos a recorrência dos elementos resultantes da discussão com a obra da autora de *Livro sexto*. A mencionada poética, mostrada no primeiro capítulo, orienta nossa análise nos segundo e terceiro capítulos.

No segundo capítulo, analisamos poemas em que são revelados os múltiplos ofícios do poeta em sua missão de mostrar a necessidade de os homens se religarem ao “mundo belo-ordenado”. Dentre eles, demonstramos os ofícios de crítico do “tempo dividido”, visionário da aliança da poesia com a vida, cantor do acordo universal, isto é, de que a poesia e a vida são construídas por meio do equilíbrio de tensões opostas, e anunciador de um projeto poético e político, ou seja, de que a poesia propõe a busca do bem viver, a relação dos homens baseada na prudência, na coragem e na justiça. Os poemas analisados pertencem aos cinco primeiros livros publicados por Sophia Andresen, *Poesia*, *Dia do mar*, *Coral*, *No tempo dividido* e *Mar novo*, porque neles a ideia sobre a missão do poeta já está construída.

No terceiro capítulo, demonstramos que o poema é construído como um ser vivo, a quem Sophia Andresen chama “um homem”, que é um poeta e, em decorrência, assume os mesmos compromissos deste. O poema “nasce”, “constrói sua vida” segundo a harmonia dos contrários, sendo, por isso, dual. Este “poema-

¹⁵ Id., Entrevista a Maria Armanda Passos, 1982, p. 5.

¹⁶ Id., *Resposta da premiada*, 1964, p. central e 27.

homem” conduz o poeta na sua escrita, mostrando-lhe o “mundo belo-ordenado” e intervindo no “tempo dividido”. Ele é, portanto, um homem preocupado com os problemas do tempo e do lugar em que habita. Os poemas analisados neste capítulo pertencem aos livros *O Cristo cigano*, *Livro sexto*, *Geografia*, *Dual* e *O nome das coisas*.

Iniciemos, então, essa espécie de viagem na obra de Sophia Andresen, ao lado de quem vamos entrar no país da poesia, visitar suas cidades intensas e encontrar o poema. Certamente, ela nos recepciona à entrada do navio para compartilhar seus poemas, dizendo:

Cá fora

Abre a porta e caminha
Cá fora
Na nitidez salina do real
Junho de 1994¹⁷

Neste convite, não apenas o poeta invoca o poema para que ele venha para a página em branco, mas também o poema nos convida a sair para um lugar em que tudo é nítido e encontrar a poesia. Os dois diálogos interligados são, no final das contas, a mesma coisa, a poesia em duas de suas múltiplas faces.

¹⁷ ANDRESEN, S.M.B., *Musa*, 2004, p. 36.